

## A diversidade como elemento de desenvolvimento/atração nas políticas locais urbanas: contrastes e semelhanças nos eventos de celebração intercultural

Nuno Oliveira<sup>1</sup> e Beatriz Padilla<sup>2</sup>

*Instituto Universitário de Lisboa*

**Resumo:** Em contextos de super-diversidade próprios das cidades globalizadas, resulta importante reflectir sobre vários aspetos associados às políticas culturais, relacionadas, direta ou indiretamente, com as migrações internacionais. Partindo de uma aplicação sociológica da metodologia das etnografias multi-situadas, comparamos dois eventos interculturais em dois territórios da Área Metropolitana de Lisboa, procurando identificar diferenças e semelhanças nas políticas de produção da interculturalidade. Concluimos que embora as políticas culturais locais tenham sabido assumir a necessidade de salvaguardar o espaço devido à diversidade cultural e étnica, é a sua maior ou menor aproximação a uma determinada ideologia do urbano e a estratégias urbanísticas das cidades criativas que se mostraram mais relevantes. Contrariamente, quando a dita ligação é mais ténue, verifica-se uma deficiente conjugação entre um território e as práticas mundanas das zonas de contacto.

**Palavras-chave:** Interculturalidade; Cidade criativa; Políticas culturais; Zonas de contacto.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e Investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* nuno.oliveira@numena.org.pt

<sup>2</sup> Investigadora Sénior do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e Professora Auxiliar Convidada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) (Lisboa, Portugal); coordenadora do projeto *Culturas de Convivência e Super-diversidade*. *E-mail:* beatriz.padilla@iscte.pt

## **1. Políticas culturais como vertente *in crescendo***

O fenómeno da imigração internacional tem adquirido relevância na vida quotidiana dos cidadãos na maioria dos países europeus, embora o seu impacto nem sempre tenha sido devidamente estudado ou considerado de uma forma mais integral. Pelo contrário, a maioria dos estudos tem incidido na chamada “integração” dos imigrantes no seu aspeto mais sistémico, formalizado e unidirecional (Portes & Rumbaut, 1990; Entzinger, 2000; Koopmans e Statham, 2000; Castles e Miller, 2003) e não nas inter-relações e na convivialidade com a sociedade de acolhimento. Interessa, contudo, considerar tanto as consequências da presença dos imigrantes, como a sua interinfluência com/na sociedade de acolhimento, ou seja, num sentido biunívoco. Esta adenda torna-se tanto mais importante quanto, recentemente, Vertovec chamou a atenção para a “diversificação da diversidade”, diversificação essa que resultaria não apenas da heterogeneidade das origens nacionais e étnicas, mas também de uma multiplicidade de fatores que afetariam “onde, como e com quem as pessoas vivem” (Vertovec, 2006: 1).

Neste contexto, resulta importante refletir sobre vários aspetos associados às políticas, tanto de integração como culturais, relacionadas, direta ou indiretamente, com as migrações internacionais em espaços de crescente diversificação dos modos de convivência intercultural.

Não é novidade que as zonas urbanas, especialmente as grandes cidades e áreas metropolitanas, são locais que acolhem diversidade cultural (Ray, 2003). Vários autores utilizam o conceito de cidade global para se referirem, não só ao processo de globalização, mas também à importância crescente de certas cidades, que alcançam notoriedade e influência a nível global nos âmbitos político, económico-financeiro, cultural, de conhecimento e inovação (Sassen, 1991; Castells, 1996; Friedmann, 1986). Se bem que o conceito de cidade global não guia a nossa investigação, é possível estabelecer um paralelo conceptual com o nosso interesse nas áreas metropolitanas, neste caso a Área Metropolitana de Lisboa, na medida em que se verificam vários dos processos e características que as grandes cidades têm sofrido como consequência da globalização e intensificação dos fluxos migratórios: a polarização da força de trabalho, a segregação espacial urbana e suburbana, e a sua internacionalização a nível político, económico, financeiro, cultural e religioso. A este contexto geral, acrescentamos um

outro facto, intimamente relacionado com este processo, que é o da crescente importância que assumem, não só as políticas nacionais, que sempre foram relevantes, mas também as políticas locais a nível das cidades. Segundo Ray (2003), as políticas sociais que incluem educação, saúde, apoios e subsídios têm sido os instrumentos dos estados (nacionais, regionais e estaduais) para diminuir a polarização social e gerir a diversidade, mas, cada vez mais, são as cidades e os governos locais, os agentes responsáveis por desenhar ferramentas políticas específicas para dar respostas mais precisas e ajustadas a nível local, tentando mitigar as práticas de exclusão e de segregação, tanto para os recém-chegados, como para os residentes de longa data. Em consequência, é preciso reconhecer que, a nível das políticas, estamos perante uma nova realidade, na qual o transnacional, o nacional e o local se interseccionam, produzindo cenários que variam consoante o encontro destas forças.

Neste sentido, os governos locais têm utilizado várias estratégias e ferramentas de intervenção em diferentes frentes, que incluem desde planos de renovação e reabilitação urbana até planos de ação social e comunitária, orçamento participativo, e políticas culturais, entre outros. Este artigo pretende refletir sobre alguns aspetos específicos das políticas culturais locais desenvolvidas pelas câmaras municipais (neste caso dentro da Área Metropolitana de Lisboa) e que se relacionam com a diversidade e convivialidade a nível local (bairro ou território), utilizando como objeto de estudo os eventos inter ou multiculturais, por serem estes uma das ferramentas utilizadas pelos governos locais para promover/celebrar/reconhecer a presença da diversidade cultural nos seus territórios. Como consequência, tentaremos entender como os eventos organizados pelas autoridades municipais promovem ou não a diversidade e, em caso afirmativo, que tipo de diversidade. Por evento entendemos, não só o evento/festival propriamente dito, mas incluímos a sua planificação e conceção. Este olhar permite identificar tanto a filosofia e as motivações que sustentam o evento em si, como também perceber o envolvimento e a participação dos diferentes atores responsáveis pela sua organização e realização e o público que usufrui do mesmo.

## 2. Metodologia

O projeto *Culturas de Convivência e Superdiversidade* optou por metodologias qualitativas, especificamente pela realização de etnografias multi-situadas. Neste sentido, adaptou-se o método etnográfico aos eventos e locais escolhidos, criando-se grelhas de observação específicas e guiões de entrevista adequados aos diferentes atores/participantes envolvidos. As observações incluíram as reuniões de planificação dos eventos nos quais tivemos autorização de participar (complementado com material documental produzido para tais efeitos), entrevistas com os diversos atores e responsáveis dos eventos, desde políticos e funcionários, organizadores, programadores, a líderes associativos envolvidos, assim como a diários de campo, notas e material visual obtidos durante a participação/observação da realização do evento em si.

O conceito norteador é o de etnografia multi-situada, noção introduzida pelo antropólogo G. E. Marcus, em 1995. Não querendo enveredar pelos desacordos entre os seus utilizadores e questões de substância teórica (Falzon, 2009), utilizámos uma versão ligeiramente modificada do que geralmente se entende por etnografia multi-situada. Podemos, inclusivamente, designá-la como sociologia etnográfica multi-situada (Nadai e Maeder, 2009). A abordagem continua a privilegiar um olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2002 *cit. in* Menezes, 2009), onde se observem e, expectavelmente, compreendam as regularidades socioculturais produzidas por uma teia de sentidos partilhada pelos utilizadores do espaço em questão (Geertz, 1973). Os espaços e os territórios escolhidos para o estudo dentro da Área Metropolitana de Lisboa foram a Mouraria e Agualva-Cacém, e os eventos interculturais selecionados foram o *Todos. Caminhada de Culturas*, da Câmara Municipal de Lisboa (CML), que teve lugar na Mouraria, e o *Dia do Imigrante*, da Câmara Municipal de Sintra (CMS), que, embora não tenha acontecido em Agualva-Cacém, é um evento rotativo geograficamente e que, a nível municipal, tem sido o escolhido para “celebrar” o encontro de culturas “dos imigrantes”. Em 2011, realizou-se na Casa da Juventude, localizada na Tapada das Mercês.

Vale a pena salientar a origem destes eventos de forma resumida. O *Todos* foi concebido por um artista profissional e criativo, que fez uma proposta à CML que é aceite e levada a cabo, pela primeira vez, em 2009. Tratou-se de um caso especial, já que a CML abraçou uma proposta vinda dum empreendedor particular, que desenvolveu

uma parceria sobre uma ideia cultural e a sua implementação. Durante 3 anos, o *Todos* decorreu na Mouraria, pelo que teve oportunidade de crescer e se aperfeiçoar e, num futuro próximo, irá expandir-se, deslocando-se para outros bairros de Lisboa. O *Dia do Imigrante* é uma festa criada pela CMS, a partir de 2008, em celebração do Ano do Diálogo Intercultural, sendo um evento rotativo desde o início, liderado e chefiado pela CMS, com a participação das associações de imigrantes reconhecidas pela própria Câmara. Em 2009, ou seja, depois de uma primeira realização, ganhou uma menção honrosa no concurso “Distinção para as Melhores Práticas Municipais na Integração de Imigrantes”, promovido pela Plataforma da Imigração, adquirindo, assim, algum destaque.

Contudo, não é possível fazer uma análise dos eventos sem primeiro perceber os contextos selecionados e como eles se integram na temática mais geral do projeto de investigação. A proposta inicial visava estudar e comparar dois territórios diferentes pertencentes a uma mesma Área Metropolitana, para perceber melhor como acontece a convivialidade em contexto de diversidade cultural.

### **3. O conto das duas cidades e as suas políticas (inter)culturais**

A Mouraria é um bairro com um peso histórico assinalável nas cartografias representacionais da cidade de Lisboa (Menezes, 2004, 2009; Agualusa, 1999). A par da sua ligação à origem do fado, remanescem, ainda, como símbolos da tradição as memórias da reconquista cristã da cidade de Lisboa e a presença moura dentro das suas muralhas. No presente, a Mouraria é um bairro histórico degradado, com uma infraestrutura urbana fraca em termos de espaços públicos e privados, mas com um potencial enorme devido à sua localização estratégica para o consumo urbano e turístico, tendo em conta o seu património histórico, cultural, comercial e gastronómico. Conta com uma intensa vida de bairro, onde convivem os vizinhos e residentes com os visitantes, turistas e comerciantes. Como assinalado exaustivamente por Menezes (2004, 2009), qualquer iniciativa de intervenção urbana tem que ter em conta a sua dimensão histórica, embora atualizada até aos nossos dias, incluindo, assim, tanto as diferentes vagas migratórias internacionais (desde cidadãos dos PALOP, chineses, indianos, bangladeshis e paquistaneses), como a instalação de jovens e profissionais

mais recentes. Como todos os bairros é um lugar heterogéneo, mas a Mouraria apresenta, ainda, a peculiaridade de mostrar ao observador uma estratigrafia geracional das populações que foram sedimentando a vida do bairro. De uma população mais antiga, ligada aos símbolos tradicionais da Mouraria, como o fado “vadio”, e geralmente associada a práticas comerciais de caráter ilegal; a uma população imigrante que, paulatinamente, foi-se apropriando do espaço público, nomeadamente da Praça do Martim Moniz, e que é composta por pessoas de origem indiana, chinesa, brasileira e nepalesa, e que constitui hoje a matriz para a representação do bairro (Menezes, 2009: 316). Recortada por esta multiplicidade de origens, a Mouraria alia à memória tradicional de espaço marginalizado, da “malandragem”, com o seu *ethos* bairrista protetivo e fechado, a sua arquitetura juncada de inúmeras zonas cinzentas: a prostituição, a droga, os territórios perigosos, que foram sucedendo-se, de um encontro entre o popular, o marginal até ao multiétnico desconhecido. O estigma da perigosidade tem, não obstante, marcado a Mouraria nas suas diversas representações. Apesar disso (ou em parte por causa disso), a Mouraria, sem dúvida pela sua localização privilegiada no centro da cidade, tem atraído a atenção e o interesse dos *gentrifiers* (Barata Salgueiro, 2006).

Parece ter vindo a consolidar-se uma visão de planeamento estratégico das cidades onde noções como governança, patrimonialização e competitividade territorial abundam. E, sobretudo, onde a estreita articulação entre estas estratégias é considerada central para a atração de investimento. É, neste sentido, que, por exemplo, Florida salienta a importância da diversidade cultural como fator de tolerância, característica que parece funcionar como chamariz das classes criativas. Por outro lado, nada de excepcional existe nesta consideração estratégica. O recurso ao património histórico como parte das estratégias de valorização do espaço urbano, sobretudo aquelas que podem levar à *gentrificação*, é uma prática corrente nos projetos atuais de revalorização dos centros urbanos (Landry, 2000). Esta recuperação do património na lógica da competitividade dos territórios tem uma finalidade explícita e passa, em grande medida, pela requalificação dos espaços, por forma a torná-los atrativos para a nova “classe criativa” (Florida, 2002) ou para outros públicos fixos e transeuntes. É, neste sentido, que, segundo alguns autores, a “cidade criativa” passa a ser feita para a “classe criativa”, independentemente de qualquer consideração do nível de desigualdades

socioespaciais e do fomento de processos inerentemente segregacionistas que destas políticas possam advir (Judd e Fainstein, 1999; Clark, 2003; Clark e Navarro, 2009).

A definição de políticas culturais de âmbito urbano compreende aquilo que Sharon Zukin designou como “um meio poderoso de controlar a cidade”; um tal meio opera, ainda segunda a autora, através da definição de memórias e de imagens que definem quem pertence a um determinado espaço. Será, por conseguinte, determinante para uma qualquer observação do impacto e da penetração das políticas culturais ter em conta o papel, não apenas organizador ou dinamizador de novos espaços estéticos e criativos, mas, concomitantemente, a imbricação entre o empreendedorismo cultural, as políticas de produção da cidade (quer materiais, quer simbólicas) e a sua função marketizadora, que subjazem às economias simbólicas das cidades contemporâneas (Zukin, 1995; Harvey, 2001).

Esta articulação encontra-se presente na produção do chamado bairro cultural. E nela podemos identificar o encontro entre os fluxos da “*globalization from above*” com a “*globalization from below*”. Neste contexto, a intervenção urbana com o objetivo de produzir o bairro cultural constitui-se no eixo que traça o encontro entre estas duas dimensões da globalização. Mas não apenas no seu encontro, como também nas suas disjunções (Appadurai, 1996). Ou seja, seria erróneo pressupor uma articulação pacífica e adequada entre os dois tipos de globalização. Desde logo, porque a nossa compreensão das dinâmicas criadoras do bairro cultural fica, seguramente, coartada se não tiver em conta algumas das particularidades dos fluxos migratórios que ali se sucedem, em sequências mais ou menos estáveis, e, concomitantemente, a forma como o étnico e o económico se entrecem, dando origem a mais-valias simbólicas e culturais. Os benefícios daqui retirados não são dissociáveis da atração que o bairro possa exercer para os *gentrifiers* ou para a instalação de indústrias de alto valor acrescentado, como é o caso das indústrias culturais.

Situar a Mouraria no âmbito das políticas culturais da cidade de Lisboa significa recuar ao Plano Estratégico de Lisboa (PEL), de 1992 e, na sequência deste, ao Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria, de 1997. Na primeira fase do Plano Estratégico de Lisboa, pouca atenção é dedicada à gestão da diversidade cultural, sendo que os problemas suscitados com a integração de imigrantes passavam, sobretudo, pela

dimensão da exclusão social e da pobreza a ela associada (Fonseca *et al.*, 2011). Num sentido ainda mais restrito, o Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria incide, quase exclusivamente, no edificado e na dimensão material da intervenção (Diário da República, 1997).

Claramente, qualquer preocupação de natureza simbólica e a sua potencial conversão em capital económico, quer através do turismo, quer da fixação e do desenvolvimento de empresas ligadas à economia simbólica, estavam ausentes das orientações estratégicas municipais nesta fase inicial. Da mesma forma, a capacidade de reproduzir o padrão de atratividade étnica e multicultural observado noutras cidades europeias, onde a política de produção de “*cultural quarters*” se encontrava num estágio mais avançado (Londres, Birmingham, Copenhaga, entre outras), ainda não fazia parte do léxico da intervenção estratégica urbana. Será, pois, na estratégia definida para o período 2002-2012 que a diversidade surge enquanto vantagem (“*diversity advantage*”, na expressão de Landry, o guru das “Cidades Criativas”) sobretudo a diversidade étnica, que, na esteira da obra de Landry, torna-se transversal a qualquer política de inovação da cidade. Com efeito, dos quatro eixos estratégicos apresentados como estruturantes desta “Visão” por parte da CML, apenas um não salienta a vantagem da diversidade étnica; os restantes três eixos mencionam-na explicitamente (Câmara Municipal de Lisboa, s/d). No *Eixo 1*, Lisboa Cidade de Bairros, destaca-se a importância do comércio étnico para a “requalificação e diversificação da oferta comercial” (*Idem*: 70). No *Eixo 2*, Lisboa Cidade de Empreendedores, faz-se, novamente, a apologia das actividades comerciais “de âmbito multicultural” E, finalmente, no *Eixo 3*, Lisboa cidade de Cultura, onde a dimensão multicultural surge como um dos fatores fundamentais para a atratividade da cidade, “que se pretende cosmopolita e multicultural (...) local de grande diversidade étnica e de convergência de culturas, nacionalidades e línguas.” (*idem*: 84).

Por conseguinte, observa-se que a estratégia urbanística do Município Lisboaeta passou da estrita intervenção no edificado para a consideração do trinómio actividades artístico-culturais, interculturalidade, economia simbólica (sensivelmente desde 2009, quando esta estratégia é delineada pelo levantamento às actividades culturais feito por uma equipa do Dinâmia/ISCTE) (Câmara Municipal de Lisboa, 2009), ou seja, o fulcro do pensamento orientador do conceito de “cidade criativa”. Quanto a este aspeto, o eixo

Almirante Reis-Martim Moniz ocupa um lugar estratégico privilegiado, como se pode depreender do afirmado no excerto abaixo:

“A requalificação em curso do largo do intendente é muito importante como motor da dinâmica de requalificação deste eixo [...] para instalação de novas atividades comerciais, nomeadamente as de âmbito multicultural e étnico, em estreita articulação com as comunidades imigrantes presentes [...] é necessário reequilibrar essa densificação e qualificar a charneira oriental (Almirante Reis » Oriente), [...] com a terciarização e a instalação de atividades produtivas em setores de base tecnológica e da economia do conhecimento, geradores de emprego qualificado.”  
(*idem*, 75).<sup>3</sup>

O caso do Cacém (Aigualva-Cacém) encontra-se no pólo oposto, quando pensamos em termos de interseção entre valorização do espaço e diversidade cultural. O Cacém é um território suburbano cuja memória histórica ou matriz cultural não oferece, aparentemente, qualquer vantagem comparativa na lógica da competitividade territorial. Não é, certamente, um contexto *guetizado*, nem chega a ser só uma cidade-dormitório; pelo contrário, consegue ter uma vida própria, que se verifica no movimento quotidiano de pessoas nas ruas, nos pequenos centros e galerias comerciais, com alguma presença de comércio étnico.

A estratégia cultural de Sintra encontra-se, sobretudo, polarizada no valor patrimonial – histórico e natural – da vila de Sintra e suas freguesias limítrofes (entrevista com Fernando Seara, Presidente da CMS – Turismo de Lisboa, 2008). A interculturalidade, quando comparadas as estratégias, não ganha o mesmo relevo daquele que é assumido explicitamente pela *Visão Estratégica para o Concelho de Lisboa*. E isto apesar de Sintra ser o Concelho com mais população estrangeira no território nacional, atingindo os 6,5% do total de estrangeiros residentes, segundo os dados dos Censos 2001 (Instituto Nacional de Estatística). Concomitantemente, é o Concelho onde mais se encontram representadas as famílias com, pelo menos, um membro oriundo dos PALOP, e com uma das maiores presenças de brasileiros da Área

---

<sup>3</sup> Excerto retirado do eixo 2 – *Cidade de empreendedores*.

Metropolitana de Lisboa, sendo embora a imigração oriental (chineses, indianos, paquistaneses) relativamente reduzida (Fonseca, 2008; Padilla, 2006). No entanto, não significa que a dimensão étnica ou respeitante à diversidade cultural esteja ausente das políticas da CMS. Ela constitui, igualmente, um aspeto substantivo das orientações da Câmara, sobretudo quando se tem em conta a necessária preocupação com uma população que, na sua maioria, apresenta um perfil de baixa escolaridade, trabalho desqualificado e precário, condições habitacionais inadequadas (sobrelotação dos fogos) e forte incidência de desemprego nas camadas jovens (Fonseca, 2008).<sup>4</sup> O que se verifica nas retóricas da integração construídas e sustentadas pelos responsáveis públicos é, justamente, a saliência dos problemas ligados à exclusão social. A diversidade é vista através do prisma da exclusão e da necessidade, e apenas ocupa um lugar marginal na estratégia cultural do Concelho. Seguramente, a concentração de tais fatores pesará sobre os vetores que a Câmara identifica como prioritários e, por esse facto, a preocupação com o aprofundamento da cidadania dos imigrantes e dos seus descendentes surge como fator primordial da integração: “Os projetos e as iniciativas em curso nesta área específica procuram responder a dois grandes objetivos: O acesso ao exercício efetivo dos direitos e deveres nas diferentes dimensões da Cidadania e a promoção dos valores da Diversidade junto de todos os munícipes e organizações do Concelho.” (Câmara Municipal de Sintra, s/d a). Porém, considerando – como faz a própria Câmara –, os “valores da diversidade” como fundamentais para o aprofundamento da relação entre os munícipes e as suas organizações, este aspeto surge como compartimentado nas opções da CMS, não evidenciando a transversalidade que observamos na estratégia cultural de Lisboa. Esta compartimentação prende-se, diretamente, com a ideia de que existem problemas dos imigrantes e soluções para imigrantes, e isso reflete-se nas festividades realizadas em torno do tema da interculturalidade e das populações imigrantes, como veremos quando analisarmos o *Dia do Imigrante*.

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aos *scores* apresentados no artigo de Fonseca (2008), onde é visível a combinação destes fatores na população dos PALOP residente nas freguesias do Sul do Concelho de Sintra (pp. 76-82).

#### **4. Eventos (inter/multi) culturais: O *Todos* e o *Dia do Imigrante* segundo a planificação**

Da comparação entre as duas iniciativas de âmbito cultural dois factores devem ser evidenciados: o peso que o contexto urbano específico possui na planificação, no desenho, e na disseminação das respetivas celebrações; e as representações que os atores implicados na planificação possuem do que deve ser a expressão da diversidade e como deve ela ser reproduzida num momento particularmente concebido para a sua exibição. Neste sentido, podemos observar duas modalidades de apresentação da interculturalidade decorrentes de investimentos diversos pelos atores envolvidos. Estes investimentos são diretamente resultantes – como explicitaremos abaixo – dos projetos dos atores implicados e das suas representações dos contextos e das relações sociais neles estabelecidas e que esses mesmos atores vindicam como representativas de uma determinada autenticidade vinculada ao território sobre o qual operam. Assim, as diferenças dos contextos reproduzem diferentes gramáticas da interculturalidade operando estas de forma específica ao espaço, à sua história, mas também à conceção mais alargada de cidade que os atores defendem. Como tal, podemos extrair desta imbricação que a interculturalidade, enquanto modelo, não é homogéneo nem se serve das mesmas linguagens; pelo contrário, as instituições e os seus atores ativam repertórios próprios (Douglas, 1987), fortemente matizados pelos espaços urbanos que estes procuram delinear e pelas estratégias (ou falta delas) que neles incidem. Por exemplo, ao nível material e simbólico da planificação, quer se trate de mobilização de recursos, quer da veiculação de imagens, as diferenças entre o *Todos – Caminhada de Culturas* são notórias. O *Todos* tem uma variedade enorme de folhetos com a programação, cartazes, vídeos, *website*, etc., sendo que aparece na programação turística e cultural da cidade de Lisboa, sendo publicitado tanto pela CML, como pelas associações e organizações envolvidas, denotando um grau de empenho e “apropriação” do evento, quer por parte das organizações implicadas, quer pelo público que se pretende atingir e aliciar à participação. O *Dia do Imigrante* repete a mesma imagem ou *logo* todos os anos, com mudanças mínimas sobre o local, a data e as horas. Na sua edição de 2011, o programa só esteve pronto “em cima da hora” e, uma semana antes do evento, ainda não era publicitado no *site* oficial da Câmara, nem o chegou a ser nas páginas *Web* das próprias associações envolvidas. Esta mesma divergência na gramática

da interculturalidade é observável, também, nas declarações dos responsáveis pelos eventos culturais que aqui estão a ser analisados. A Câmara de Sintra coloca a questão do enriquecimento cultural, a par com as dificuldades de integração, os choques entre interpretações culturais diversas, ou mesmo os problemas socioeconómicos decorrentes da posição fragilizada destas populações, referindo-se só às comunidades imigrantes e nunca às autóctones, nem à convivência entre elas.

“(...) e agora vamos ver o resultado com toda esta crise, se nós estamos a sentir agora [...] Portugal até há pouco tempo era um país atrativo para os imigrantes, neste momento está a deixar de o ser. Porque as dificuldades nomeadamente na construção civil, por exemplo, que abrangia muitas destas populações, como não há, as pessoas veem-se sem emprego, sem condições, com poucos apoios.”

(Responsável da CMS)

Será, igualmente, de salientar que a noção segundo a qual é uma diversidade de comunidades que se encontram em permanente negociação encontra-se bem mais presente do que no discurso dos responsáveis da CML. Ao passo que, no segundo caso, embora a insistência na negociação também faça parte do discurso dos responsáveis da Câmara, ela é vista, sobretudo, como aproximação de tendências estéticas e de tradições originariamente diferenciadas. Neste sentido, enquanto o interculturalismo é visto pela CML como mais-valia simbólica dentro de uma estratégia de *marketing* urbano, no caso de Sintra, o interculturalismo é um processo de reconhecimento dentro e para as próprias comunidades (o que contradiz a própria definição):

“(...) no fundo, o dia municipal do imigrante é para mostrar o trabalho desenvolvido por estas comunidades imigrantes residentes, mais expressivas. Portanto o objetivo final é esse. Foi precisamente a valorização dos grupos maiores que existem no concelho e claro que estão mais relacionados com comunidades africanas que é onde há maior choque cultural. Nós tínhamos uma comunidade muito grande de chineses, não sei como é que isso se perspetiva atualmente. Não participam, nada. Nós sabemos que eles cá estão porque estão nas lojas, porque há miúdos a frequentar as escolas, mas é uma comunidade que funciona para si, não interage umas com as outras.”

(Responsável da CMS)

Assim, o *Dia do Imigrante* é uma celebração só para imigrantes, para os quais se reserva um lugar próprio, contrariando até o espírito que o concebeu pela primeira vez, em 2008, durante o Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Acresce que o *Dia do Imigrante*, segundo o referido tanto pela vereadora, como pela técnica, é suposto ser organizado e sustentado com os subsídios que as associações de imigrantes recebem anualmente.

O *Todos* – embora venha a ser diferente no futuro – usufruiu de orçamento próprio para sustentar tanto os espetáculos, como a encenação (decoração, loja do evento, etc.). Com efeito, na planificação do evento, o que transparece é o envolvimento de atores públicos, privados e locais, no sentido da requalificação dos espaços urbanos através da combinação de intervenções de reabilitação acompanhadas do aproveitamento das atividades criativas e culturais, seguindo uma estratégia cada vez mais presente na construção – quer no plano simbólico, quer material – das cidades culturais (Landry, 2000; Johnson, 2009).

De resto, as declarações de António Costa, Presidente da Câmara de Lisboa, por ocasião da abertura do *Festival Todos*, em 2011 – dia que coincidiu com a cerimónia da formalização da adesão de Lisboa à rede de cidades interculturais composta por vinte cidades europeias – evidenciam, justamente, esta dimensão abrangente e interrelacionada da planificação. Assim, e reafirmando o carácter intercultural da cidade de Lisboa, o autarca referiu-se à instalação do seu gabinete de trabalho, em pleno Largo do Intendente Pina Manique, como “um símbolo, um sinal para os comerciantes da zona de que vale a pena investir aqui e um estímulo para a requalificação da Mouraria”. Alvo de um programa com fundos do QREN, donde consta a requalificação do espaço público (Largo do Intendente, Rua do Benfornoso, Olarias, Rua das farinhas, etc.), reabilitação de diversos edifícios e um programa de valorização social dos moradores, posto que “a requalificação não é só do edificado”. António Costa forneceu exemplos deste programa, que conta com a instalação em edifícios já reabilitados da *Associação Cultural Sou*, de uma residência universitária e de *ateliers/residências* para 140 artistas. “A regeneração do bairro faz-se com atividades novas que tragam nova vida e mobilizem energias”, concluiu o edil lisboeta. Esta projeção de Lisboa não se faz apenas para o interior, mas com grande empenho também para o exterior. O diretor da Cultura

e Património Cultural e Natural do Conselho da Europa, Robert Palmer, convidado para a cerimónia, pontuou o seu discurso reconhecendo que Lisboa tem “um carácter exemplar no relacionamento e diálogo interculturais” e que a expressão disso seria, justamente, o *Festival Todos* (Câmara Municipal de Lisboa, 2011). Podemos identificar nestes excertos dois dos vetores principais da produção (ou da sua retórica) das “cidades criativas” na aceção que estas receberam no estudo de Landry, ou seja, o papel regenerador dos artistas para a revitalização de zonas urbanas degradadas (Landry, 2000: 124). Associada à ideia de “o artista como regenerador” do espaço urbano, encontra-se a recomendação para o estabelecimento de “um viver intercultural”, e Landry não se escusa de referir a importância do “híbrido” e do “intercultural” nos espaços de vivência quotidiana (*idem*: 259).

Torna-se, então, evidente que a interculturalidade veiculada, induzida e celebrada no *Festival Todos* é uma parte muito coerente com a nobilitação de Lisboa enquanto cidade cultural, da qual a interculturalidade se torna elemento indispensável.

O *Todos* surge, assim, como epítome do encontro das artes com a diversidade cultural e, neste sentido, assinala concretamente a lógica de produção das “cidades criativas”. Produzir cidades criativas equivale a aliciar as classes criativas para que estas funcionem como fomento da regeneração urbana (Florida, 2002, 2004). Mas, assim como Florida toma por assumido os valores da classe criativa (Pratt, 2008), também pouca reflexão dedica ao futuro da *underclass* que, geralmente, habita os espaços potencialmente regeneráveis pela sua congénere criativa.

Esta ambiguidade latente é detetada nas palavras de um líder associativo da *Associação Renovar a Mouraria* (ARM), ao relatar que as “imobiliárias entraram no bairro”, logo após o anúncio da instalação do gabinete do Presidente no Largo do Intendente. Para além disso, a construção de um condomínio de luxo no Largo da Rosa, para a “classe média-alta”, causa alguma apreensão, na medida em que determinadas “ruas ficarão com o trânsito condicionado”, estabelecendo desta forma barreiras que se identificam como tendo um recorte classista.

A este propósito convém dizer que, se do lado da CML a aposta na renovação da Mouraria é afirmada através de um repertório, cujos vetores principais são o potencial criativo e a interculturalidade, no caso da ARM estaríamos em presença de uma

“renovação vinda de baixo”, para glosar expressões como “*multiculturalism from below*” (Wise, 2007) ou “*transnacionalism from below*” (Guarnizo e Smith, 1998). Com efeito, os representantes da ARM enfatizam, sistematicamente, a necessidade de envolvimento dos moradores para além das potenciais barreiras etárias, nacionais e culturais. Da mesma forma, os responsáveis pela programação do evento salientam o esforço de mobilização feito em torno dos moradores e as diferentes modalidades de apropriação do festival que lhes são possibilitadas através do uso das várias expressões artísticas (fotografia, teatro, performances de rua, etc.) e como estas são, posteriormente, inscritas numa identificação comum. Neste esforço de recuperação de um certo sentir comunitário (Etzioni, 1993), o trabalho dos artistas e programadores nas associações, no espaço aberto da rua, funciona como um trabalho de reconhecimento mútuo, não apenas da heterogeneidade de expressões culturais que se procura convocar, mas igualmente, e sobretudo, do reconhecimento interindividual, onde a cultura, apesar de ser um veículo simbólico, surge apenas como um dos aspetos do reconhecimento de um projeto em comum.

Por conseguinte, na preparação e planificação destes eventos, os atores envolvidos refletem, igualmente, níveis de ambição dissemelhantes. O que esta disparidade indica é a maior ou menor inclinação da parte dos respetivos municípios em integrarem a celebração da interculturalidade como parte das suas estratégias culturais.

## **5. Os dois eventos vividos: espaços e práticas da construção da coexistência étnica**

### **5.1. *Todos: Caminhada de Culturas na Mouraria***

A festa do *Todos* possui uma intenção verdadeiramente intercultural, na medida em que procura o intercâmbio de expressões culturais diversificadas. Para além disso, procura que estas sejam vividas pelos habitantes e visitantes (muitos turistas) de forma pública e visível, circulando e ocupando o território em causa, e integrando nesta conceção a construção da imagem de um bairro onde a pluralidade cultural é considerada uma mais-valia.

É neste sentido que a abertura e o franquear livre dos diversos espaços associativos com sede na Mouraria corresponde a um equilíbrio entre o processo *top-*

*down*, promovido de cima para baixo pela Câmara enquanto motor da iniciativa, e a implicação das populações na preparação da mesma. Para além disso, a efetiva implicação das associações e a centralidade do seu esforço na organização do festival mostram como a intenção intercultural subjacente à planificação revela-se, igualmente, enquanto agência policêntrica onde se procura uma redefinição das forças e agentes responsáveis pela produção da vida do bairro.

Porém, e a despeito do trabalho propriamente comunitário realizado pelas associações locais, para alguns dos que assistiam ao evento, este não evitaria a “folclorização” das diferentes expressões culturais presentes. Para outros, isso seria secundário, tendo em conta a divulgação do bairro para o exterior dela resultante e o respetivo impacte económico que se faz sentir durante a realização do festival, assim como também na desconstrução de certa imagem negativa do bairro, associada à criminalidade (prostituição, tráfico e consumo de drogas). Aspetos que não devem ser menosprezados.

A programação do *Todos* 2011, o terceiro (e último) duma série de festivais de carácter rotativo (a serem levados aos diferentes bairros lisboetas com o intuito de *marketing* cultural, melhorar a imagem e promover o desenvolvimento socioeconómico e a coesão social), incluiu uma diversidade de espetáculos e eventos, tanto pontuais, como permanentes. Se bem que alguns deles implicaram a contratação de artistas e *shows*, outros envolveram as populações residentes ou trabalhadoras da Mouraria. Por exemplo, as sessões fotográficas (em 2011, com 4 fotógrafos diferentes) que dariam origem à exposição de fotografias no arquivo municipal (na Rua da Palma) e aos cartazes com fotografias de vizinhos e as suas famílias, expostas tanto na Praça do Martim Moniz, como ao longo da Rua do Benfornoso, procuraram envolver a população local. Durante o festival, observámos como os protagonistas procuravam as suas fotografias e as dos seus conhecidos, nos diferentes espaços públicos, e celebravam entusiasticamente quando as encontravam. Igualmente, alguns espetáculos incluíram residentes locais. É o caso da peça de teatro “Macondo” que, para além de atores profissionais, incluiu atores amadores de diferentes origens e idades que representaram o conto de Garcia Marquez.

Outros espetáculos foram contratados, mas souberam ganhar o apoio e a adesão da população local, especialmente o grupo de música de origem cigana que misturava estilos da Índia e Andaluzia, com o qual vários espectadores locais se deleitavam,

dançando e cantando ao ritmo da música, tanto durante o *show*, como nos ensaios realizados durante a tarde. As fanfarras e as marionetas também congregaram público e os jogos tradicionais (chineses e africanos), estrategicamente colocados na praça do Martim Moniz, atraíram os visitantes e propiciaram uma oportunidade para a convivência entre pessoas de diferentes origens e idades, residentes e visitantes. Ainda o pingue-pongue convocou jovens de diferentes etnias a jogar e a sociabilizar. E, finalmente, um momento muito esperado e celebrado foi a primeira apresentação, em público, da *Orquestra Todos da Mouraria*, integrada por músicos de diferentes origens nacionais.

Durante o festival, alguns vizinhos e populações residentes e visitantes (turistas e curiosos vindos de outros bairros de Lisboa) passearam pelas diferentes ruas da Mouraria, já que era preciso encontrar os locais onde aconteciam os eventos, segundo indicavam a programação e o mapa. Isto obrigava as pessoas a descobrirem becos, escadinhas, praças e locais nunca imaginados, salvo para os moradores que, por sua vez, também aprendiam e conheciam mais sobre as associações e as organizações da sociedade civil, que constituem parte do tecido social do bairro, mesmo que, muitas vezes, as relações entre elas não sejam as mais pacíficas e cordiais. Assim, a *Casa dos Amigos do Minho*, o *Clube Social e Desportivo da Mouraria*, a *Associação Renovar a Mouraria*, a *Casa da Achada*, entre outros, estiveram envolvidos e presentes no *Todos*.

Será, portanto, a combinação entre uma intensificação do turismo naquela área da cidade, uma revalorização da imagem do bairro através da narrativa da diversidade cultural harmónica, com as suas tonalidades cosmopolitas, na qual a noção de interculturalidade adotada se confunde, frequentemente, com a convivência sem entraves de qualquer espécie, sejam eles raciais, étnicos, classistas, que nos é dada a observar. Finalmente, a recuperação da dimensão propriamente tradicional, associada a elementos históricos (autóctones), como o fado, sobretudo o fado “impuro”, fado vadio cantado pelo povo e do qual a “Severa” se tornou emblemática. Esta mescla de tradições autóctones e alóctones encontra-se patente no discurso da responsável municipal pelo festival, quando afirma “para mim interculturalidade não é só ter estrangeiros em Lisboa. É também dar a conhecer a própria Lisboa, a cultura de Lisboa”.

Não esquecer que, segundo Gilroy, se a convivialidade é uma realidade dos espaços urbanos britânicos e das suas culturas juvenis, a melancolia é uma

representação quase omnipresente nos *media* e no discurso político. A ideia de melancolia de Gilroy decorre da noção freudiana e, sobretudo, das suas aplicações por parte de psicólogos na explicação do sentimento alemão do pós-guerra da “perda da fantasia de onipotência”. Por conseguinte, o *Todos* mistura convivialidade (incitada) com melancolia pós-colonial em doses proporcionais. Se, por um lado, a recuperação do bairro passa, em larga medida, por uma sua redefinição – se bem que ainda sem qualquer lastro memorial – como espaço intrinsecamente intercultural (convivialidade), por outro, a construção de uma tal narrativa, e padecendo esta de um excesso de presentificação, é funcional na construção de uma narrativa mais abrangente, simbolizada no *tropo* da “Lisboa encruzilhada de Mundos”, onde se investe toda a melancolia da grandeza imperial perdida. Com efeito, a “Encruzilhada de Mundos” lisboeta, ou o “Viajar pelo Mundo sem Sair de Lisboa” suscita todo um conjunto de memórias forjadas no imaginário imperial de outrora; imaginário esse sempre refratário à violência da relação colonial estabelecida entre colonizador e colonizado, e sempre reconfigurado enquanto resultado direto de uma natureza lusotropical, na qual Portugal seria, por definição ancestral e mítica, o “verdadeiro” cadinho de culturas.

Contudo, estaríamos certamente a exagerar se submetêssemos o *Todos* a uma lente estritamente pós-colonial. A ênfase exclusiva nesta dimensão desmerece, certamente, a vertente de reabilitação urbana, na qual o *Todos* se insere como revitalização da cultura de bairro. E, neste sentido, o conceito subjacente ao *Todos* surge como uma interessante tentativa de recuperar a imagem de um bairro que tem vindo a ser marcado como um território estigmatizado e o subtítulo *Caminhada de Culturas*, ilustra o convite para as pessoas passearem pelo bairro. As palavras da responsável pelo evento sintetizam este espírito, em relação à Mouraria:

“E é um espaço que estava ali morto. Sinto que começam a ser criadas condições locais para a interculturalidade funcionar. (...) Eu não sei quantas pessoas que moram em Lisboa – a começar por mim – alguma vez entraram naquele espaço, porquê? É o estranho, é o outro, é o medo; vamos tentar. Por outro lado, é o verdadeiro bairro, isto é, tem ainda as mercearias, tem ainda os clubes, tem um grupo para as marchas populares, tem uma procissão; tinha todos os elementos que podiam absorver um trabalho como o que nós queríamos fazer, como também serem componentes do nosso trabalho.”

(entrevista com funcionária responsável do *Todos*, fevereiro de 2011)

Por conseguinte, e procurando encontrar uma fórmula para aquilo que até agora ficou dito, devemos salientar como parte da especificidade da organização deste evento, o seu carácter deliberadamente público e o seu espírito deliberadamente cosmopolita. Não apenas enquanto veiculação para um público de uma imagem cuja pretensão ultrapassa os confins da Mouraria (Lisboa é por definição intercultural), mas, seguramente, no que tem de apropriação do espaço público (exterior) e afirmação desse mesmo espaço como do e para o público ou públicos diversos, é uma forma de democratizar as relações étnicas, entendidas estas como aproximação entre populações de diversas origens geográficas, cuja presença se faz sentir no quotidiano e cujos projetos de vida são induzidos a confluír, com maior ou menor intensidade, naquele momento particular.

Colocar-se-á, porventura, a questão da permanência, ou seja, o que remanesce após o evento ter acabado. Da parte dos moradores do bairro, esta percepção dependerá, em grande medida, dos seus próprios projetos: representação do bairro enquanto espaço de transitoriedade ou de investimento afetivo, material e social. Sucede que esta ambiguidade, que se encontra bem no centro do binómio permanência vs transitoriedade, constitui a matriz simbólica do *Todos*. Ou não fosse ele pensado, não como o festival da Mouraria, mas como iniciativa exportável para outras paragens urbanas, da qual se espera obter o mesmo efeito, tal como salientado nas entrevistas realizadas à funcionária responsável do *Todos* e a um dos responsáveis pela programação e execução do mesmo.

## **5.2. *Dia do Imigrante* – Celebração organizada pela Câmara Municipal de Sintra**

A comemoração do *Dia Municipal do Imigrante* nasce, em 2008, no sentido de “reconhecer a forte presença e o contributo dos cidadãos imigrantes na vida local” (Câmara Municipal de Sintra, s/d b) e pretende refletir a visão inclusiva do município, alicerçando-a, paralelamente, num discurso positivo sobre a presença de imigrantes. Em 2009, recebeu uma menção honrosa decorrente de uma candidatura à “Distinção para as Melhores Práticas Municipais na Integração de Imigrantes 2009”, promovida pela Plataforma da Imigração. Doravante, a celebração ocorreria anualmente em diversas

freguesias do Concelho, entre elas Sintra, o centro cultural do município, especificamente na biblioteca municipal. Uma das suas particularidades mais assinaláveis é ser um evento cuja organização parte, sobretudo, das associações, paróquias e outras organizações de cariz social. Neste contexto, a Câmara fornece, digamos, as infraestruturas, deixando o trabalho de organização cultural e expressiva ser negociado entre os atores coletivos da sociedade civil. A Câmara tem, no entanto, uma participação enquanto parceiro nas negociações e na planificação do evento.

“As associações também têm os seus programas de apoio. A Câmara apoia o grosso da atividade: é a Câmara que paga o som, que dá as instalações, o palco, a luz. Tudo isso é a Câmara que no fundo é tudo aquilo que dá mais custos. Depois cada entidade, cada associação leva o seu espaço e dinamiza-o conforme achar melhor.”

(entrevista com líder associativo 1)

A celebração do *Dia do Imigrante*, embora com maior expressão institucional visto que é a CMS a promovê-la, não constitui uma iniciativa isolada no panorama da celebração da interculturalidade no município. Se a ela acrescentarmos outras comemorações de pendor popular, a exemplo das festas da Nossa Senhora da Boa Viagem, nas quais a *Associação Cabo-verdiana de Sintra* (ACAS) possui um papel central na organização, vimos que existe uma responsabilidade partilhada nas iniciativas que visam celebrar (produzir) a interculturalidade. Significa, por conseguinte, que, para além da oficialização que dá corpo à celebração do *Dia do Imigrante*, existem outros espaços que lhe são concorrentes na divulgação das expressões culturais e artísticas das populações imigrantes. Note-se, ainda, que esta concorrência não passa apenas pelos territórios, visibilidade e intervenção de quem organiza, mas, igualmente, pela sua realização temporal. Com efeito, a quase simultaneidade dos dois eventos, embora não seja esta sentida como comprometedora por parte dos responsáveis implicados (nem os responsáveis da CMS, nem os líderes associativos colocaram o problema), é, no entanto, reconhecida pelas associações a necessidade da divisão de esforços que obriga a fazer opções:

“Como já é muito trabalho e também já são bastantes entidades, criámos dois grupos de trabalho: um para o dia do imigrante e o outro preparou outras atividades no ano. Logo aí afastou um bocadinho uma parte das associações porque depois não estando no grupo, mesmo podendo vir a todas, o trabalho é muito, as pessoas andam sempre cheias de trabalho, acabou por não se envolver tantas associações.”

(entrevista com líder associativa)

Em 2008, o primeiro ano das celebrações do *Dia do Imigrante* ocorreu na vila de Sintra, a um dia de semana, com a presença do Presidente da Câmara, de um representante do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) e outras entidades convidadas para o efeito. Foi, por conseguinte, uma expressão oficial da celebração. Contrariamente, e para convocar mais aderentes, no segundo ano procurou-se que, quer as celebrações oficiais do *Dia do Imigrante*, quer as comemorações organizadas pelas associações por ocasião das festas da Nossa Senhora da Boa Viagem, coincidissem. A este propósito, é-nos relatado que a participação foi muito maior, não sendo apenas o efeito da consolidação gradual do evento e das suas celebrações, como poderíamos ser levados a pensar, mas antes o resultado do encontro entre expressões de “baixo” e planificação centralizada de “cima” que não se excluíram, nem foram forçadas a negociar os tempos de realização dos respetivos eventos. No entanto, face a alguns distúrbios durante o evento, as celebrações adotaram outro modelo, pelo que, no terceiro e quarto anos, insistiu-se na separação entre as duas comemorações e na sua realização num espaço fechado (controlado), e a audiência dividida entre a expressão oficial do evento e a configuração mais popular acabou por recair, maioritariamente, na segunda. Na medida em que ambos os eventos são realizados no mês de Setembro, com apenas duas semanas a separá-los, é natural que os esforços envidados sigam prioridades diferenciadas por parte dos atores associativos envolvidos, consoante se pretenda investir fundamentalmente na expressão de raiz ou na expressão oficial. O facto de o *Evento Comunitário e Multicultural em Honra da Nossa Senhora da Boa Viagem*, organizado pela ACAS no bairro do “Pika Pau” (um bairro social localizado na Serra das Minas e assim batizado pela população), datar de 2003, precedendo em 5 anos as comemorações do *Dia do Imigrante*, sugere que a CMS procurasse capitalizar a

existência de um evento de carácter popular, especialmente considerando que o primeiro ano em que se realizou o *Dia do Imigrante* coincidiu com o *Ano Europeu do Diálogo Intercultural*, durante o qual as autoridades aproveitaram a relevância internacional dada à celebração do interculturalismo. Todavia, parece que a multiplicação de tais iniciativas, sobretudo quando situadas num intervalo temporal tão curto, não produz mais adesão, mas antes mais divisão (ver página *Web* da ACAS sobre evento comunitário – Associação Luso Caboverdeana de Sintra, 2008).

As celebrações do *Dia do Imigrante* da CMS, em 2011, tiveram lugar na Casa da Juventude da Tapada das Mercês, a 24 de setembro, uma semana após o *Dia Municipal do Imigrante*, oficializado que seria dia 17 de setembro. A Casa da Juventude é um edifício novo, judiciosamente entalado entre a linha do comboio e as traseiras de um prédio de subúrbio igual a tantos outros. Quem não conhece a zona tem alguma dificuldade em encontrar o local devido à fraca divulgação do evento que foi feita. Não se vislumbravam cartazes a anunciar a iniciativa, nem nas imediações do edifício, nem na Tapada das Mercês, tão-pouco nas freguesias circunvizinhas. O *Jornal de Sintra*, o principal jornal da região, na edição de 23 de outubro de 2011, fez-lhe uma referência breve numa das páginas interiores (*Jornal de Sintra*, 2011). Neste caso, como se trata de uma celebração acantonada a um bairro e sem demasiada divulgação fora ou dentro dele – no interior de uma qualquer fronteira imaginária de natureza jurídico-administrativa, também nada se vê que indicie tal ato oficialmente celebratório – o alcance de uma definição tão alargada como *Dia Municipal do Imigrante* surge como, certamente, exacerbada. É certo que as autoridades da edilidade lá se encontravam, discorrendo sobre a contribuição das comunidades imigrantes para o Concelho e a necessidade de reconhecimento como atores principais do seu quotidiano, contribuindo, assim, para uma presença simbólica da Câmara que, de outra maneira, estaria ausente. Porém, terminados os discursos cerimoniais, a presença das autoridades da CMS é fugaz.

Certamente que a ideia, segundo a qual este é um dia cuja contribuição deve vir fundamentalmente da sociedade civil, do trabalho das associações de e para os imigrantes, pesa na retirada dos representantes principais da edilidade. O evento é, geralmente, descrito como sendo o seu programa proposto pelas associações envolvidas. Para 2011, segundo o *press release* da Câmara, as atividades foram propostas pela *Afrunido - Associação Sociodesportiva e Cultural*, *A Comunidade Islâmica das Mercês*

e Mem Martins, a Associação Luso Cabo-verdiana de Sintra (ACAS), Casa Seis - Associação para o Desenvolvimento Comunitário, Olho Vivo - Associação para a Defesa do Património e Direitos Humanos. Neste sentido, e como, em parte, referido atrás, a Câmara de Sintra parece surgir nas celebrações mais como providenciadora de recursos, do que tendo um papel ativo na programação. Lembremos, no entanto, que as associações são igualmente sustentadas por projetos e parcerias, ora financiados pela própria Câmara, ora pelo ACIDI. Consequentemente, significa que, embora exista uma autonomia das associações na preparação do evento, ela é ajustada e sustentada pelo vínculo de dependência financeiro que estas possuem com as instituições estatais.

Regressando às comemorações e terminada a fase protocolar de discursos, começou o evento, ora no auditório, ora no *lobby* do edifício, alternando entre números com músicos tradicionais (neste caso da Guiné), e *workshops* de crioulo e árabe. Também o evento incluiu um *atelier* de pintura para as crianças, *workshops* de dança africana e do ventre, e mais representações no auditório, as últimas das quais envolveram jovens descendentes de imigrantes que dançaram músicas tradicionais, assim como também *hip-hop* e *rap*. Alguns dos jovens artistas eram convidados de outros municípios, e embora isto não colocasse um problema para os espectadores, levou a que o que era suposto ser uma iniciativa do município, com a participação de munícipes, contasse com grupos de dança da Damaia, município da Amadora. Significa, portanto, que as fronteiras administrativas não delimitavam nenhuma presença necessária e que as identificações culturais e artísticas, e por que não dizê-lo, étnicas, se sobrepunham a qualquer identificação de tipo territorial.

No entanto, não deixou de surpreender que, no público assistente, não estivessem nem as famílias e amigos dos artistas, especialmente dos jovens, nem vizinhos do bairro. A esse respeito, e a confirmar esta ideia, a fraquíssima adesão da população do bairro indicava a expressão praticamente nula que o evento teve na vida do bairro. E não apenas na vida do bairro das Mercês, como nas freguesias circunvizinhas, sobretudo se pensarmos que as freguesias do município de Sintra estão ligadas numa malha urbana indistinta, cujas fronteiras são pouco evidentes, de tal forma o contínuo urbanizado é alheio às divisões administrativas. A fraca (ou inexistente) presença dos habitantes da freguesia das Mercês é reforçada pela falta de qualquer

publicidade do evento na área exterior. Sucede que o fechamento deste evento, a sua fraca publicitação nos espaços exteriores e, conseqüentemente, a sua reduzida audiência, implicam uma não intrusão da interculturalidade e do seu imaginário no espaço público.

## **6. Lições sobre os eventos “interculturais” em causa**

A definição do espaço de comemoração da interculturalidade, enquanto espaço fechado, restrito (e restritivo) que nos é oferecido no *Dia do Imigrante*, em Sintra, contrasta vivamente com o caráter público do *Festival Todos*. O aproveitamento do espaço público, as performances com a participação dos moradores, que passam desde a sua inclusão em peças de teatro até à sua representação fotográfica, são a manifestação concreta de uma apropriação do espaço público pela simbólica da interculturalidade. Significa, por conseguinte, que a Mouraria é reinventada através da performatividade das zonas de contacto; ou seja, o espaço social da transculturalidade encarnado pelas diversas etnias e expressões culturais nos seus encontros quotidianos é transformado numa performance que procura fixar um conjunto de operadores simbólicos como “autenticidade” desse mesmo bairro (Zukin, 2010). Por conseguinte, o novo imaginário intercultural serve para a construção do bairro cultural planeado pelos diversos atores que nele se encontram a investir material, simbólica e economicamente (desde a CML, passando pelas indústrias da cultura e acabando nas associações locais). Com efeito, a produção do espaço da interculturalidade (como em qualquer produção do espaço, assinala-se) alicerça-se, em larga medida, na retórica que elabora uma determinada imagem da cidade. No caso do *Todos*, a retórica que constrói a imagem de uma Lisboa cosmopolita, cruzamento imemorial de culturas, cidade aberta e plural, é objetivada na performance artística e no entrelaçar planificado das suas várias manifestações culturais. Recordemos que estamos em presença de uma estratégia de intervenção urbana que enseja reabilitar a Mouraria, aproveitando o seu potencial turístico e nobilitável para o inscrever no modelo de produção de um bairro cultural. Desde a ótica do urbanista e da intervenção social, existe uma necessidade de pensar o projeto de renovação da Mouraria dentro de um espaço urbano mais alargado, indissociável da presença cada vez maior de hotéis na Almirante Reis e transversais a esta avenida. Turistas queixam-se, por sua vez, da insegurança; e a Mouraria encontra-se no eixo turístico do Castelo e

de Alfama, e, portanto, tem vindo a atrair cada vez mais a presença de turistas. Desde os tempos em que João Soares sonhara com uma *Chinatown* na Mouraria, até ao projeto de renovação social e intercultural do bairro, o alvo tem sido criar mais-valias com o turismo e integrar estas mais-valias na economia simbólica das atividades culturais. Ao étnico exótico juntam-se as indústrias da cultura e a possibilidade de criar economias de escala, com o reaproveitamento do espaço urbano, alicerçado na reconstrução das memórias e imagens afetas a um determinado local.

Contrariamente, as celebrações do *Dia do Imigrante* em Sintra não possuem um caráter público e são, por definição, dos imigrantes para os imigrantes. A falta de implicação da restante população, um certo desinvestimento no próprio evento por parte, quer do poder autárquico, quer das associações implicadas, e ainda o acantonamento das celebrações a um espaço institucional fechado, traduz-se num entrave à contaminação do espaço público por parte da simbólica da interculturalidade. Ora esta reserva – à falta de melhor termo – quanto à invasão da diversidade cultural é, em grande medida, respaldada na descoincidência entre a imagem de um território e os repertórios institucionais que servem para interpretar a presença da diversidade cultural.

O mesmo é dizer que nem todos os territórios são afeitos à expressão da interculturalidade e, menos ainda, se planeia e incita esta quando não existe qualquer ligação entre as conceções urbanísticas e essas mesmas expressões. Daí que se deva evitar olhar para as políticas culturais locais desencarnadas da planificação do território e de uma ideologia do urbano que a formata. Por outro lado, nem toda a expressão intercultural carrega, por si só, uma abertura cosmopolita. Ao invés, quando esta é pontual e desarraigada de um projeto mais vasto, parece conduzir a um reforço do fechamento e a uma intensificação da fronteira entre espaço público e privado.

**Tabela 1 – Sistema de oposições na promoção da interculturalidade**

	<i>Festival Todos – Mouraria</i>	<i>Dia do Imigrante – Sintra</i>
<b>Mobilização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação diferenciada das Associações;</li> <li>• Ampla divulgação na agenda cultural da cidade e das associações;</li> <li>• Infraestrutura e recursos próprios.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimento associativo limitado ou por compromisso;</li> <li>• Divulgação muito limitada;</li> <li>• Sem infraestrutura e recursos específicos;</li> </ul>
<b>Reimaginação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representações do território associadas a um interculturalismo endógeno;</li> <li>• Localização cêntrica da cidade, mesmo que bairro degradado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representações do território associadas a um interculturalismo exógeno;</li> <li>• Localização periférica e itinerante.</li> </ul>
<b>Expressão pública</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promove convivência no espaço público;</li> <li>• Participação alargada dos moradores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Convivência limitada num espaço fechado;</li> <li>• Participação exígua dos moradores.</li> </ul>
<b>Adequação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inserido na renovação urbana;</li> <li>• Gera/fomenta negócios/economia local;</li> <li>• Programação terciarizada mas coordenada pela Câmara.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Programação isolada;</li> <li>• Proibição de negócio/venda;</li> <li>• Programação centralizada pela Câmara mas com participação das associações.</li> </ul>
<b>Marketing</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interculturalidade valoriza território para diferentes públicos;</li> <li>• Programação combina artistas consagrados internacionais e locais (orquestra, peça de teatro).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interculturalidade valoriza território para um público específico (imigrantes e filhos de imigrantes);</li> <li>• Programação com artistas locais e mais folclórica.</li> </ul>

Neste sentido, e com base nos exemplos aqui apresentados, podemos definir distintas formas de promoção da interculturalidade, formas essas que serão interpretadas

através de um sistema de oposições: a) ao nível da capacidade de mobilização num projeto comum transcultural; b) ao nível da sua função perfunctória na reimaginação dos respetivos territórios; c) ao nível da sua expressão pública; d) ao nível da sua adequação a uma determinada ideologia do urbano; e) ao nível da sua capacidade marketizadora de um território. A tabela 1 resume o esquema proposto.

## **7. Políticas de intervenção urbana: a interculturalidade como novo elemento**

A consideração da interculturalidade entrou, definitivamente, nos discursos das duas instituições aqui abordadas. Todavia, a sua maior ou menor aproximação a uma determinada ideologia do urbano e aos planos urbanísticos que nela se alicerçam implica o caráter mais ou menos retórico destas enunciações. Entendendo as políticas culturais locais como forma de produzir a diversidade, ao invés de simplesmente acolher ou fornecer um espaço onde dar lugar a uma qualquer sua expressão espontânea, os eventos aqui analisados podem ser considerados como lugares de produção do encontro dessa mesma diversidade. No mundo de fluxos globais em que vivemos, a fluidez das fronteiras, do que eram anteriormente círculos concêntricos em torno de modos de vida, confere à cultura uma dinâmica de conjunções e disjunções que não se fixam em torno de categorias e marcadores simbólicos uniformes. A porosidade dessas mesmas fronteiras é facilitadora do trânsito de pessoas e símbolos entre os espaços culturais irregularmente definidos. Essa porosidade, quando interpretada através do prisma da interculturalidade, é lida como comunicação. Não por acaso, as diversas metáforas para a enunciarem possuem sempre esse sentido dialógico, sentido esse contido em expressões como “diálogo” e “encontro”, evocativas de uma horizontalidade sem atritos. Segundo, produzir esse encontro significa torná-lo visível. E visibilizá-lo equivale a reservar-lhe um lugar, considerado legítimo, no espaço público.

As políticas culturais têm sabido assumir a necessidade de salvaguardar o espaço devido à diversidade cultural e étnica, não apenas porque uma tal escolha decorre, necessariamente, de uma orientação para o aprofundamento da cidadania, mas porque a cidade do futuro imagina-se como cidade intercultural, onde reina a tolerância e a aceitação relativamente ao estrangeiro. Tolerância e interculturalidade não são meras invocações humanistas de uma moral social mais robusta. Enquanto expressões, signos,

elas acomodam-se ao *marketing* em torno da cidade e tornam-se tanto mais relevantes, quanto fazem parte integral de uma estratégia de requalificação e reimaginação dos territórios intervencionados. Ou seja, a sua linguagem torna-se tanto mais efetivamente prática quanto se encontra associada a uma determinada ideologia do urbano. Neste caso, no momento em que as prioridades da planificação urbana e do *marketing* coincidem, a diversidade e a tolerância que faz com que ela possa persistir tornam-se igualmente planeadas, reguladas, legitimadas e, eventualmente, mercadorizadas como parte da imagem da cidade e da forma como esta responde à procura de certos públicos que pretende atrair.

Por outro lado, o aproveitamento do potencial autogénico das zonas de contacto (utilizamos aqui a noção de zona de contacto como exposta por Amanda Wise, ou seja, os “modos mundanos de cruzamento intercultural em zonas de diversidade cultural” (Wise, 2007: 2) gerador dessa “transversalidade quotidiana” de que fala a autora, quando combinado com a ação planeada, resulta sem dúvida em sinergias entre os dois fatores. Por um lado, dá-se ao reconhecimento da população envolvida que aquilo que os indivíduos fazem quotidianamente é reassumido e reinterpretado publicamente enquanto prática intercultural. Da sua dimensão improvisada subimos (porque uma tal deslocação implica uma hierarquia) na escala semiótica e agora as práticas quotidianas fazem parte de uma deliberada estratégia de reimaginação da cidade, ou de um território, enquanto intrinsecamente intercultural. Se ao nível da mundanidade do quotidiano, nenhuma planificação está presente, logo nenhuma tecnologia é convocada, já a produção do “evento intercultural” é uma produção de segundo grau, ou seja, é a produção do espaço onde a junção entre o conhecido e o estrangeiro é formatada de maneira a parecer mundana e, esta sim, exige tecnologias específicas: planificação, enquadramento no discurso do desenvolvimento urbano, lógicas urbanísticas de valorização da cidade, construção do bairro cultural e as equipas técnicas que a sustentam, e finalmente, valorização ética (tolerância) e económica (indústrias culturais, comércio étnico) dessa mesma diversidade, através de um discurso especializado interdisciplinar.

Vimos, pelos exemplos apresentados, embora não lhes imputando nenhum carácter generalizador, que a aproximação a estratégias urbanísticas, definidas segundo a imagem da cidade criativa, implica considerar a diversidade como parte infraestruturante dessa mesma imagem (adequação). Contrariamente, quando a ligação

entre estes dois aspetos é ténue, ou mesmo inexistente, verifica-se a dissociação entre expressões de diversidade cultural e étnica e o espaço. Quando esta não se encontra integrada numa lógica de *marketing* urbano, só muito tangencialmente é que se verifica um investimento na territorialização da interculturalidade, isto é, na conjugação entre um espaço específico e as práticas mundanas das zonas de contacto e, conseqüentemente, na ocupação efetiva do espaço público pela produção dessa mesma interculturalidade. Quando não existem zonas de contacto, a interculturalidade não é viável, salvo retoricamente.

### **Referências bibliográficas**

- AGUALUSA, José Eduardo (1999), *Lisboa, Cidade de Exílios*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- BARATA SALGUEIRO, T. (2006), “Oportunidade e Transformação na Cidade Centro”, in *Finisterra*, XLI, 81, 9-32.
- BRUNN, S.; WILLIAMS, J.; ZEIGLER, D. (eds) (2003), *Cities of the World*, U.S.A., Rowman & Littlefield Publishers.
- CASTELLS, M. (1996), *The Rise of Network Society*, Oxford, Blackwell Publishing.
- CASTELS, Stephen ; MILLER, Mark J. (2003), *The Age of Migration*, New York, Guilford Press.
- CLARK, T. N. (ed.) (2003), “Introduction: Taking Entertainment Seriously”, in T. N. Clark (ed.), *The City as an Entertainment Machine, Research in Urban Policy*, Vol. 9, Oxford, Elsevier, pp. 1-17.
- CLARK, T. N.; NAVARRO, C. (2009) “Governing Cultural Issues and Scenes: Towards the Emergence of a ‘Local Cultural Policy Domain’?”, in *City Future '09 Conference* EURA/UAA, Madrid, 4-6 June 2009 [Consult. em 13 de dezembro de 2011]. Disponível em: [http://www.cityfutures2009.com/PDF/39\\_Navarro\\_Clemente.pdf](http://www.cityfutures2009.com/PDF/39_Navarro_Clemente.pdf).
- DIÁRIO DA REPÚBLICA (1997), II Série, nº 239, de 15 de Outubro de 1997, 12643-12652.
- DOUGLAS, Mary (1987), *How Institutions Think*, London, Routledge and Kegan Paul.

- ENTZINGER, Han (2000), “The Dynamics of Integration Policies. A Multidimensional Model”,  
*in* Ruud Koopmans & Paul Statham (eds.), *Challenging Immigration and Ethnic Relations Politics. Comparative European Perspectives*, Oxford, Oxford University Press, pp. 97-118.
- ETZIONI, Amitai (1993), *The Spirit of Community: Rights, Responsibilities, and the Communitarian Agenda*, New York, Crown.
- FALZON, Mark (2009), “Introduction: Multi-sited Ethnography: Theory, Praxis and Locality in Contemporary Research”, *in* Mark Falzon (ed.), *Multi-sited Ethnography. Theory, practice and locality in contemporary research*, Aldershot, Ashgate, pp.1-24.
- FLORIDA, Richard L. (2002), *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*, New York, NY, Basic Books.
- (2004), *Cities and the creative class*, London, Routledge.
- FONSECA, Maria Lucinda (2008), “Imigração, Diversidade e Novas Paisagens Étnicas e Culturais”, *in* Mário Ferreira Lages e Artur Teodoro de Matos (coord.), *Portugal, Percursos de Interculturalidade, Contextos e Dinâmicas*, Vol. II, Lisboa, ACIDI, pp. 49-96.
- FONSECA, Maria Lucinda [et al.] (2011), *Imigração, Diversidade e Política Cultural em Lisboa, Working paper*, Migrare, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, UL.
- FRIEDMANN, J. (1986), “The world city hypothesis”, *in* *Development and Change*, 17, 69-83.
- GEERTZ, Clifford (1973), “Thick Description: Toward and Interpretive Theory of Culture”, *in* *The Interpretation of Cultures. Selected Essays*, New York, Basic Books, pp. 3-30.
- GUARNIZO, L. E.; SMITH, Michael P. (1998), “The Locations of Transnationalism”, *in* L. E. Guarnizo & Michael P. Smith (eds.), *Transnacionalism from Below, Comparative Urban and Community Research V6*, New Brunswick, Transaction Publishers, pp. 3-34.
- HARVEY, David (2001), *Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*, Edinburgh, Edinburgh University Press.
- JOHNSON, Luise C. (2009), *Cultural Capitals. Revaluating the arts, Remaking Cultural Urban Spaces*, Aldershot, Ashgates.
- JUDD, D. R.; FAINSTEIN, S. S. (eds.) (1999), *The Tourist City*, New Haven, Yale University Press.

- Oliveira, Nuno; Padilla, Beatriz – A diversidade como elemento de desenvolvimento/atração nas políticas urbanas...  
*Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*  
Número temático: *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, 2012, pág. 129-162
- LANDRY, C. (2000), *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*, London, Comedia/Earthscan.
- KOOPMANS, Ruud; STATHAM, Paul (eds.) (2000), *Challenging Immigration and Ethnic Relations Politics: Comparative European Perspectives*, Oxford, Oxford University Press.
- MARCUS, George E. (1995), "Ethnography of the world-system: The emergence of multi-sited ethnography", in *Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117.
- MENEZES, Marlucci (2004), *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- (2009), "A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa", in *Horizontes Antropológicos*, ano 15, nº 32, 301-328.
- NADAI, Eva; MAEDER, Christoph (2009), "Contours of the field(s): Multi-sited ethnography as a theory-driven research strategy for sociology", in Mark Falzon (ed.) *Multi-sited Ethnography. Theory, practice and locality in contemporary research*, Aldershot, Ashgate, pp. 233-250.
- PADILLA, Beatriz (2006), "Brazilian Migration to Portugal: Social Networks and Ethnic Solidarity", *CIES e-Working Paper, Nº 12/2006*, Lisboa, CIES-ISCTE.
- PORTES, A.; RUBAUT, R. G. (1990), *Immigrant America: A portrait*, Berkeley, CA, University of California Press.
- PRATT, Andy C. (2008), "Creative cities: the cultural industries and the creative class." In *Geografiska annaler: Series B - Human geography*, 90 (2), 107-117.
- RAY, Brian (2003), "The Role of Cities in Immigrant Integration", in *Immigration Information Source, Migration Policy Institute*, online, [Consult. em novembro de 2011]. Disponível em:  
<http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?ID=167>.
- SACHS-JEANTET, C. (2005), "Managing Social Transformations in Cities", in *UNESCO website* [Consult. em novembro de 2011]. Disponível em:  
<http://www.unesco.org/most/sachsen.htm#GlobalCity>.
- SASSEN, S. (1991), *The Global City*, Princeton, NJ, Princeton University Press.

VERTOVEC, Steven (2006), *The emergence of super-diversity in Britain*, WP 25, Oxford, COMPAS.

WISE, A. (2007), “Multiculturalism from below: Transversal crossings and working class cosmopolitans”, paper given at the *Biennial Conference of the European Association of Social Anthropologists*, Bristol.

ZUKIN, Sharon (1995), *The Cultures of Cities*, Cambridge, Blackwell.

– (2010), *Naked City: The Death and Life of Authentic Urban Places*, Oxford, Oxford University Press.

### **Sites consultados**

ASSOCIAÇÃO LUSO CABOVERDEANA DE SINTRA (2008), *ACAS realiza o VIII Evento Comunitário e Multicultural*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em:

[http://www.acas.pt/acas\\_realiza\\_VIII\\_evento\\_comunitario\\_e\\_multicultural.html](http://www.acas.pt/acas_realiza_VIII_evento_comunitario_e_multicultural.html).

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2009), *Estratégias para a cultura em Lisboa, 2009*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://cultura.cm-lisboa.pt/>.

– (2011), *Lisboa adere à rede de cidades interculturais*, [Consult. em 11 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=42&idi=58272>.

– (s/d), *Quatro eixos de desenvolvimento da visão*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: [http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/009/pdf/02\\_quatro\\_eixos\\_visao.pdf](http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/009/pdf/02_quatro_eixos_visao.pdf).

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA (s/d a), *Apoio aos imigrantes e minorias étnicas*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=2988>.

– (s/d b), *Câmara é distinguida pelas boas práticas na integração de imigrantes*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://www.cm-sintra.pt/NoticiaDisplay.aspx?ID=6096>.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE), *Censos 2001*. Disponível em: [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

JORNAL DE SINTRA (2011), *Edição de 23-09-2011*. Disponível em: <http://www.jornaldesintra.com/ultima-edicao2/edicao-de23-09-2011/>.

OLHO VIVO (s/d), *A Casa dos Povos – Centro Intercultural*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: [http://www.olho-vivo.org/Casadospovos/cp\\_apresentacao.html](http://www.olho-vivo.org/Casadospovos/cp_apresentacao.html).

REVISTA TURISMO DE LISBOA (2008), nº 60, 40-44. [Consult. em 23 de novembro de 2011].  
Disponível em: <http://www.visitlisboa.com/getdoc/bd981890-11f2-4465-86ee-bbcb21cca2f9/RTL60-Dez08.aspx>.

## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Diversity as an element of development/attraction in local urban policies: contrasts and similarities in the celebration of intercultural events*

As globalized cities become the harbors of super-diversity, it has proved ever more important to reflect on aspects associated with cultural policies, directly or indirectly related to international migrations. Starting from a sociological application of the multi-sited ethnography methodology, we compare two intercultural events in different territories of the Lisbon Metropolitan Area, seeking to identify differences and similarities in the way the intercultural is produced. We conclude that although interculturality has become part and parcel of the institutional repertoires, it is the greater or lesser affinity with a particular ideology of the urban and to urbanistic strategies of the creative city what becomes more relevant. Conversely, when this link is weaker, the result is the inadequate conjunction between a territory and the worldly practices of the contact zones.

Keywords: Intercultural; Creative city; Cultural policies; Contact zones.

### **Résumé**

*La diversité comme un élément de développement / d'attraction dans les politiques urbaines locales: les contrastes et les similitudes dans les célébrations interculturelles*

Dans le contexte de la Super-diversité propres des villes mondialisées, est donc important de réfléchir sur différents aspects associés aux politiques culturelles liées, directement ou indirectement, aux migrations internationales dans les espaces de croissante diversification des modes de coexistence interculturelle. Ayant come point de départ une application sociologique de la méthodologie des ethnographies multi-situées, nous comparons deux événements culturels, dans deux territoires de la Région Métropolitaine de Lisbonne, afin

d'identifier les différences et les similitudes dans les politiques de production de l'interculturalité. Nous concluons que, bien que les politiques culturelles locales sont en mesure d'assumer la nécessité de préserver l'espace de la diversité culturelle et ethnique, c'est cependant le degré de proximité à une idéologie particulière de l'urbaine et des stratégies urbaines définies à l'image de la ville créative, qu'implique la prise en compte de la diversité comme infrastructurante dans le cadre de cette image. Inversement, lorsque ladite connexion est faible ou inexistante, il ya une dissociation entre les expressions de la diversité culturelle et ethnique et l'espace, c'est à dire, un lien insuffisant entre le territoire et les pratiques mondaines des zones de contact.

Mots-clés: Interculturel; Ville créative; Politiques culturelles; Zones de contact.

### **Resumen**

*La diversidad como elemento de desarrollo/atracción en las políticas urbanas locales: contrastes y semejanzas en los eventos que celebran la interculturalidad*

En contextos de superdiversidad propios de las ciudades globalizadas, es importante reflexionar sobre los varios aspectos vinculados a las políticas culturales relacionadas directa o indirectamente con las migraciones internacionales. Partiendo de una aplicación sociológica de la metodología de etnografías multisituadas, comparamos dos eventos interculturales en dos territorios del Área Metropolitana de Lisboa, buscando identificar diferencias y semejanzas en las políticas de producción de dicha interculturalidad. Concluimos que aunque las políticas culturales locales hayan sabido asumir la necesidad de salvaguardar el espacio debido a la diversidad cultural y étnica, es su mayor o menor aproximación a una determinada ideología de lo urbano y a las estrategias urbanísticas de la ciudad creativa, lo que se muestra más relevante. Por el contrario, cuando la conexión entre estos dos aspectos es débil, existe una conjugación inadecuadas entre el territorio y las prácticas mundanas de las zonas de contacto.

Palabras-clave: Intercultural; Ciudad creativa; Políticas culturales; Zonas de contacto.